

As alianças...

por José Casado
de São Paulo

(Continuação da 1ª página)

objetivo compor-se com facções políticas tidas habitualmente como representativas da esquerda mais moderada, que se distribui, também, pelo PMDB, PDT e PSDB.

A base das gestões, anunciou Lula ao votar em São Bernardo do Campo (SP), vai ser um "programa mínimo de governo". E alinhou os segmentos com os quais, apostando na vitória no primeiro "round" eleitoral, seu partido já começou a conversar: citou Leonel Brizola, Mário Covas e as facções "progressistas" do PMDB sob a liderança dos governadores estaduais Miguel Arraes (Pernambuco), Pedro Simon (Rio Grande do Sul), do candidato a vice na chapa de Ulysses Guimarães, Waldir Pires, e do presidente do partido, Jarbas Vasconcellos.

No PSDB de Mário Covas, operava-se com duas alternativas. Na hipótese de vitória, projetavam-se amplas alianças à direita e à esquerda. Na derrota,

tentar com o eventual aliado um compromisso claro com a defesa do parlamentarismo.

No PMDB, porém, as divergências ficavam muito visíveis. Governadores como Moreira Franco e Miguel Arraes tentavam levar o partido para um candidato mais identificado com a esquerda. Outros, como Álvaro Dias, do Paraná, ponderavam sobre a necessidade de exame de "alternativas diferentes."

Cada um deles movimentava-se preocupado com seu futuro político regional e com a sucessão estadual do próximo ano.

Aparentemente, o candidato com maiores chances, Collor, deve ir para o segundo turno com votos, principalmente, no interior e nos centros urbanos — incluindo algumas capitais — de menor densidade demográfica.

A incerteza sobre quem ocupará a segunda vaga era grande ontem à noite. Mas havia uma certeza sobre ela: seu ocupante deverá ter o apoio dos outros dois candidatos à esquerda que forem derrotados.